

DEMOCRACIA EM PERIGO**DEMOCRACY IN DANGER**Eugene ENRIQUEZ¹

Recebido em: 18/05/2020

Aceito em: 04/06/2020

RESUMO

No início de nosso século, uma constatação se impunha: a democracia estava triunfando no mundo. O império autoritário soviético havia entrado em colapso e restavam apenas alguns países autoritários no Oriente Médio ou no Extremo Oriente. Após vinte anos, esse diagnóstico não tem mais razão de ser. Vemos cada vez mais países governados por líderes autoritários, seja na Europa ou nos outros continentes. Essa evolução é o resultado de vários fatores complexos. No entanto, existem vários autores e politólogos que se referem apenas à nosologia psiquiátrica para tentar explicar o surgimento de regimes autoritários, mesmo paranóides. O objetivo deste texto é mostrar a inutilidade dessa questão e oferecer alguns elementos para tentar explicar esse declínio da democracia no mundo.

Palavras-chave: Democracia. Governo. Regimes Autoritários. Poder. Psiquismo.

ABSTRACT

At the beginning of our century, a realization was necessary: democracy was triumphing in the world. The Soviet authoritarian empire had collapsed and only a few authoritarian countries remained in the Middle East or the Far East. After twenty years, this diagnosis is no longer valid. We see more and more countries ruled by authoritarian leaders, whether in Europe or on other continents. This evolution is the result of several complex factors, however, there are several authors and politologists, who refer only to psychiatric nosology to try to explain the rise of authoritarian regimes, even paranoid. The purpose of this text is to show the uselessness of this issue and to offer some elements to try to explain this decline of democracy in the world.

Keywords: Democracy. Government. Authoritarian Regimes. Power. Psyche.

O recente desenvolvimento da psiquiatria americana tenta separar, cada vez mais claramente, a psicopatologia da psicologia geral. Essa tendência não é apenas falsa, mas perigosa. É falsa porque supõe uma clara divisão entre comportamentos normais da maioria da população e

¹ Doutorado de Estado em Sociologia, graduação em Psicologia, Sociologia, Direito, Antropologia e Economia. Professor emérito em Sociologia, Université Paris VII, autor de vários artigos e diversos livros, alguns traduzidos em português. Membro do CIRFIP (Centre Internationale de Recherche e Formation en Psychosociologie).

comportamentos anormais adotados por certas categorias de indivíduos, que é necessário caracterizar. Essa divisão e oposição exige permanentes descrições. No entanto, as categorias trabalhadas pela psicopatologia nem sempre se baseiam no resultado de trabalhos científicos, mas em preconceitos sociais. Dois exemplos são suficientes para demonstrar o caráter ideológico das classificações propostas.

- a) A homossexualidade, até há algum tempo, era considerada uma perversão e deveria ser energeticamente tratada. Atualmente, a homossexualidade desapareceu definitivamente do cenário das perversões.
- b) Nos últimos anos, tenta-se classificar a criança agitada, aquela que é muito viva e bastante desobediente como devendo ser tratada com medicação, antes que seja tarde. Esse tipo de comportamento infantil era, pelos pais, considerado perfeitamente normal há 50 anos, época em que os pais pensavam ter simplesmente filhos turbulentos, difíceis de suportar, mas não anormais.

A tendência é perigosa porque nos faz acreditar em uma franca oposição entre o comportamento normal e o chamado comportamento anormal, aquele que deve ser tratado. Isso pode levar a extrema eugenia, tratamento vergonhoso e até à eliminação desses grupos de pessoas. Agora, toda a psicologia séria, desde a descoberta de Freud, nos mostrou que todos os seres humanos têm um aparato psíquico e que podem ser guiados mais ou menos fortemente pelas injunções de seu inconsciente.

Observemos, para nosso propósito, no psiquismo, dois elementos centrais:

- a) O primeiro caracteriza as reações das crianças no início de suas vidas. Sabemos que o ódio precede o amor, na medida em que o bebê está centrado em si mesmo, ou seja, nas necessidades imperativas que devem ser satisfeitas o mais rápido possível. Qualquer coisa que vá contra essa satisfação pode ser profundamente rejeitada.
- b) O segundo designa o que nos diferencia dos animais. Estes possuem instintos que lhes permitem adaptar-se mais ou menos rapidamente ao mundo exterior e, portanto, podem viver com comportamentos adequados, enquanto os humanos têm impulsos díspares que podem levá-los a qualquer tipo de conduta. Eles são seres de desejo, enquanto os animais, são seres de necessidade, quando uma necessidade é satisfeita, o animal interrompe sua busca. Por outro lado, o desejo pode ser transportado para um novo objeto. Além disso, os desejos são frequentemente anárquicos, contraditórios, e sua satisfação pode levar a comportamentos catastróficos para os seres humanos. O homem deve aprender a se adaptar, o aprendizado, a educação só são possíveis porque ele conhece, em seus pais ou nos substitutos destes, o que fará dele, não um pequeno animal, mas um ser humano, ou seja, alguém que conhece seus limites, que deixa de acreditar que ele pode ser um deus.

Essa transformação faz dele um ser social que deve manter, para poder viver, um relacionamento pacífico com outros seres, que também são socializados. No entanto, essa evolução nunca é total e muitos seres humanos continuam tendo um "ego grandioso" e tentam satisfazer seus desejos totalmente desordenados. São nesses grupos de pessoas que os líderes autoritários são recrutados.

Além disso, se percebermos que as sociedades querem, às vezes, ir em direções completamente opostas, podendo ser profundamente desordenadas e descontroladas, entendemos que o modo de governo mais fácil e mais difundido, durante séculos, é o governo dos fortes contra os fracos, o que significa que não é a razão que guia as pessoas, mas o poder. Sabemos quando este

começa, mas ninguém sabe quando para, exceto quando é confrontado a um outro poder. Portanto, é fácil entender que a tirania, o despotismo, a ditadura e o totalitarismo foram e, infelizmente, continuam sendo os tipos de regimes mais prováveis. É mais fácil, de fato, desconfiar de uma parte da população, de maltratá-la, de odiá-la do que tentar entrar com o outro em relações de reciprocidade.

Dito de outra maneira, a democracia é um regime de exceção. Ela supõe que as sociedades são estruturalmente conflituosas, que o poder deve ser compartilhado, sendo preciso respeitar sempre o adversário; as minorias não devem ser abafadas, mas escutadas e que, um dia, elas poderão estar no poder. As democracias são sociedades conflituosas, com regras, e todos devem aceitá-las e respeitá-las.

A democracia não é, então, um regime normal, mas –um regime de exceção e supõe a importância de cada pessoa se realizar, ser escutada e ter um papel importante na dinâmica social. Ela deve seguir os preceitos da razão e considera que todos os cidadãos são sujeitos de direito.

Todos são seres de razão e de direito, independentemente da situação econômica e política que ocupam. Nesta perspectiva, pode-se dizer que ninguém nasce democrático, mas se torna democrático.

Por outro lado, se nossas primeiras tendências, nossas pulsões de dominação - nosso desejo de ser como deuses - não fossem canalizadas, recalçadas, reprimidas, as sociedades seriam unicamente povoadas por personalidades autoritárias ou paranoicas. Na verdade, nenhuma sociedade poderia durar, pois seria como dizia Hobbes “a luta de todos contra todos”.

É por isto que nas sociedades pautadas pela desigualdade, o poder é unicamente dado a algumas pessoas (os nobres, os chefes de guerra, os sacerdotes, os letrados); as demais pessoas devem permanecer submissas e reprimir suas próprias tendências autoritárias. Estas, porém, podem ser expressas contra aqueles que têm posições sociais mais baixas, os mais pobres, as mulheres, as crianças, os imigrantes, os prisioneiros e os escravos. Mesmo assim, os submissos podem exercer sua pequena autoridade sobre aqueles que estão abaixo deles.

Só resta, então, uma pequena parte da sociedade sem quase nenhum poder. Esta deve aceitar sua sorte ou se revoltar assumindo o risco de ser totalmente massacrada. Foi isto que ocorreu na Europa até o advento da revolução francesa.

Nossas sociedades democráticas e aquelas que começam a experimentar o caminho democrático são jovens. Elas datam do final do século XVIII. Por isso, elas são frágeis e a tentação autoritária pode retornar e predominar quando a maioria das pessoas não conseguem mais canalizar as tendências autoritárias. Isto ocorre em duas ocasiões:

- a) Quando a democracia está em perigo, isto é, quando ela é incapaz de manter a paz social e de promover um desenvolvimento mais harmônico. Neste momento, os líderes autoritários que antes não eram escutados serão ouvidos e corre-se o risco de que assumam o poder. Eles não são mais numerosos do que eram antes, mas seus discursos, cheio de falsas verdades, as *fake news* atuais, serão aplaudidos pelas multidões. Foi Goebbels, o mestre da propaganda alemã nazista, que disse: “quanto maior for uma mentira, mais ela será escutada”.
- b) Quando a democracia se desenvolve garantindo participação da sociedade nos seus diversos segmentos e quando as minorias conquistam direitos e espaço para clamar suas reivindicações. Nessas ocasiões, os líderes autoritários, receosos de perder a situação privilegiada na qual, até então, se encontravam - visto que o sistema democrático permite que eles existam e se desenvolvam- tentarão, de todos os modos,

dizer que a situação é nefasta. Afirmam que a continuação do regime levará ao reinado da anarquia. Os democratas, ou pelo menos a parcela menos sólida dos democratas, começam a temer que o desenvolvimento da democracia corra o risco de levar a seu próprio desaparecimento. Esses democratas tendem a se aliar aos líderes autoritários e a deixar, progressivamente, lugar a eles.

Para concluir, a democracia pode-se decompor tanto quando funciona bem, como quando funciona mal. A democracia é um regime fundamentalmente instável e é por esta razão que a sociedade civil deve estar continuamente vigilante e atenta para lutar e buscar afastar todas as tendências de retomada de uma sociedade autoritária.

Tradução: Teresa Cristina CARRETEIRO²
Tradução: Jacyara Carrijo Rochael NASCIUTTI³

² Pós-doutora em Sociologia Clínica pela Université de Paris VII e professora titular do Programa de pós graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

³ Psicossocióloga – Doutora pela Université Paris VII, professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.